

EXPRESSAR POR ESCRITO ÀQUILO QUE NÃO SE SENTE É UMA RELAÇÃO PERIGOSA

*EXPRIMER PAR ÉCRIT CE QUE VOUS NE RESSENTEZ PAS EST UNE RELATION
DANGEREUSE*

Rafael Francisco Braz¹

Resumo: No século XVIII, principalmente na sociedade aristocrática francesa, de todas as formas literárias, àquela que se apresentou com maior desenvolvimento, lançando mão constantemente de novas técnicas narrativas e estilísticas, foi o romance epistolar. Nessa linha de raciocínio, propor-se neste estudo, compreender o sentimento de dissimulação presentes na obra *Ligações Perigosas*, do escritor Choderlos de Laclos, a partir de um estudo analítico psicológico. O eixo teórico norteador da nossa pesquisa circunscreve na relação da Psicologia e à Literatura ancorando nos pensamentos de Souza (2005), Jung (1991) e Chklovski (1976) como também, na relação da personalidade de Silva (2008), Von Franz (2002), Grinberg (1997) dentre outros. Quanto à abordagem metodológica da pesquisa, no que concerne à abordagem, esta se classifica como qualitativa, que se caracteriza pela qualificação dos dados coletados, durante a análise. O desenho metodológico se instaura no ato dialógico a partir da interlocução dos enunciados entre Psicologia e Literatura. Em nossas análises, foi possível constatar o quanto a sombra é doloroso, e o quanto nos deixa cada vez menos conscientes a sua personificação no arquétipo do ser, o caso da Marquesa de Merteuil e do Visconde de Valmont, são exemplos nítidos de tal constatação.

Palavras-chave: *Ligações Perigosas*. Sentimento de dissimulação. Psicologia e Literatura.

Résumé: Au XVIIIe siècle, principalement dans la société aristocratique française, de toutes les formes littéraires, celle qui s'est présentée avec le plus grand développement, utilisant constamment de nouvelles techniques narratives et stylistiques, était le roman épistolaire. Dans cette ligne de raisonnement, cette étude propose de comprendre le sentiment de dissimulation présent dans l'œuvre *Liaisons dangereuses*, de l'écrivain Choderlos de Laclos, à partir d'une étude analytique psychologique. L'axe théorique directeur de notre recherche circonscrit la relation entre Psychologie et Littérature en s'ancrant dans les pensées de Souza (2005), Jung (1991) et Chklovski (1976) ainsi que, dans la relation de la personnalité de Silva (2008), Von Franz (2002), Grinberg (1997) d'entre autres. Quant à l'approche méthodologique de la recherche, quant à l'approche, celle-ci est qualifiée de qualitative, qui se caractérise par la qualification des données recueillies lors de l'analyse. La conception méthodologique s'établit dans l'acte dialogique à partir de l'interlocution d'énoncés entre Psychologie et Littérature. Dans nos analyses, il a été possible de vérifier combien l'ombre est douloureuse, et combien elle nous rend de moins en moins conscients de sa personification dans l'archétype de l'être, le cas de la Marquise de Merteuil et du Vicomte de Valmont, en sont des exemples clairs d'un tel constat.

Mots-clés : *Liaisons dangereuses*. Sentiment de dissimulation. Psychologie et littérature.

Introdução

Os sentimentos e afetos que circundam a experiência humana no arco histórico são comunicados pelas vivências várias de/em outras temporalidades. Anotamos essa consideração a partir da mensagem humana e sobre a humanidade, a qual a arte tem resguardado em seus discursos; poetas e escritores imprimem a experiência da alma com o mundo no texto como os pintores a capturam, no pincel, a experimentação que seus olhos constataam.

Entendendo o discurso da(s) Arte(s) como possuidor de significados e passível de várias significações e possibilidades de leituras. Podemos, assim, construir os saberes sobre os

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e atua como professor substituto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

afetos e sentimentos ao (re)lermos um livro, apreciar uma pintura e/ou recitar um poema. Nesta direção, podemos experimentar e entender as várias relações do humano com os sentimentos e, em especial, os que versam por um lugar mais lúgubre e de dor.

É através da palavra e seu poder, que conseguimos reorganizar as nossas subjetividades e ter contato com diferentes faces, propriamente nossas, porém, transpassadas para a literatura. A tradição de contar e encantar através de narrativas acompanha o homem desde tempos passados, portanto, se formos delimitar e analisar cada gênero veremos que a narração se faz presente em vários deles.

É nesta descoberta do contato direto do “real” com o “ficcional”, que o ser homem se ampara na busca de sua identidade, auxiliando ou dificultando ainda mais, seus conflitos pessoais. Os relatos mais íntimos acabam por influenciar a ficção literária, as experiências individuais, que substituíram a tradição coletiva, refletiram diretamente no romance epistolar na França, principalmente, na burguesa do século XVIII.

Descrições minuciosas através de correspondências informais vem simular o efeito de verdade, enquanto texto literário tem seu tom autobiográfico permite ao leitor a impressão de caminhar pela consciência obscura e particular do signatário, assim, desvelando seus segredos e tornando-o ao mesmo tempo, cúmplice e testemunha, dos seus delitos psicológicos.

Quando destacamos o tom autobiográfico das cartas, partimos mais uma vez para as análises das subjetividades inerentes ao ser humano e, para tanto, é preciso fazer um mapeamento da estrutura da personalidade, para assim, conseguir compor a representação dos personagens contidos na obra em estudo.

Nessa linha de raciocínio, propor-se neste estudo, compreender o sentimento de dissimulação presentes na obra *Ligações Perigosas*, do escritor Choderlos de Laclos, a partir de um estudo analítico psicológico da referida obra, a qual gira em torno da categoria personagens principais, a Marquesa de Merteuil e o Visconde de Valmont que refratam o perfil analítico das personagens.

No século XVIII, principalmente na sociedade aristocrática francesa, de todas as formas literárias, àquela que se apresentou com maior desenvolvimento, lançando mão constantemente de novas técnicas narrativas e estilísticas, foi o romance epistolar. Um dos momentos que marca esta mudança é quando observamos a emergência e estabilização de uma nova classe social – a burguesia. Associada a este fato, temos a criação de um público leitor nobre, pertencentes ao alto escalão parisiense.

É, neste contexto, que surge definitivamente a manifestação da experiência pessoal- as cartas- como representação cotidiana banhada pelo detalhamento de sensações e sentimentos de seus indivíduos, ou seja, é a verossimilhança da ficção em contraposição à realidade.

Em 1782, é lançado à venda o romance epistolar *Ligações Perigosas*, obra única do escritor francês Choderlos de Laclos, sucesso imediato, só no primeiro mês o livro atingiu uma vendagem significativa de exemplares, escrito sob a forma de cartas trocadas entre personagens diabólicos. *Ligações Perigosas*, nos mostra a decadência moral da sociedade aristocrática francesa do século XVIII. O aspecto mais relevante está representado pelos perfis da Marquesa de Merteuil e do Visconde de Valmont.

A princípio, o Visconde de Valmont está interessado em conquistar a Sra. de Tourvel, mulher casada e virtuosa, mas acaba aceitando a contraproposta da Marquesa de Merteuil, empenhando-se na conquista da inocente Cécile Volanges, noiva do ex-amante da Marquesa, o Conde de Gercourt. Com uma frieza incrível e uma técnica perfeita, Valmont realiza, com brilhantismo, a conquista de ambas: Cécile e a Sra. de Tourvel. A obra de Choderlos faz um passeio sobre o amor, a conquista, à dissimulação, à inveja e à vingança, descrevendo e consolidando a exposição de tão maus costumes.

A obra apresenta 175 correspondências trocadas entre alguns personagens e é assim que ficamos sabendo sobre os planos da Marquesa de Merteuil para se vingar do Conde de Gercourt, usando para tal, o fiel comparsa e amigo, Visconde de Valmont. O leitor é informado não apenas sobre os acontecimentos e eventos que compõem a trama, mas também, sobre os desejos de Valmont e Merteuil, que são ricos, educados e inteligentes, isso fica evidente através de suas cartas e algumas bastante sensuais, outras, acentuada num plano de vingança e atos dramáticos e dissimulados.

O eixo teórico norteador da nossa pesquisa circunscreve na relação da Psicologia e à Literatura ancorando nos pensamentos de Souza (2005), Jung (1991) e Chklovski (1976) como também, na relação da personalidade de Silva (2008), Von Franz (2002), Grinberg (1997) e dentre outros. Esta base teórica orientou a discussão e análise na perspectiva da abordagem da psicologia junguiana.

Quanto à abordagem metodológica da pesquisa, no que concerne à abordagem, esta se classifica como qualitativa, que se caracteriza pela qualificação dos dados coletados, durante a análise. O desenho metodológico se instaura no ato dialógico a partir da interlocução dos enunciados entre Psicologia e Literatura.

Em termos estruturais, inicialmente, traçamos uma discussão sobre o romance epistolar na sociedade francesa do século XVIII com base nos sentimentos do amor revolucionário iluminismo francês que ver o amor como um jogo social complicado e por paixões descontroladas e fora das regras socioculturais da época, como por exemplo, a dissimulação. Na seção – Da Psicanálise à Literatura – procuramos realizar breves considerações sobre a relação que permeia entre essas áreas e no estudo da arte pelo viés da percepção, imaginação e sentimentos. Por fim, na seção - Perigosas Ligações – é apresentada a análise com base na teoria psicológica aqui utilizada e, logo em seguida, as considerações e referências usadas nesta investigação.

1 Da Psicanálise à Literatura

Ao pensar nas relações entre Psicanálise e à Literatura, somos diretamente induzidos a delimitar suas possibilidades e, logo, seus limites de interação, já que estamos falando de dois espaços de conhecimento diferentes e muito próprios em si. A crítica literária psicanalítica abrange dois sistemas de instruções distintas: a crítica literária e a teoria da psicanálise.

É com o pensamento das ideias de Sigmund Freud, quem inaugura essa relação, criando um campo de diálogo privilegiado destacando que a psicanálise não é prática literária, é um método clínico e terapêutico e que mantém com os sistemas de leitura e escrita complexa conexão. A chamada crítica psicanalítica é uma orientação de leitura interpretativa, de cunho hermenêutico e fenomenológico, que estuda o fenômeno na busca do sentido único a partir das intenções de quem o escreveu. É o que podemos chamar da busca de compreensão totalitária da literatura, por meio da análise do sistema psicológico, ambos amparados na interpretação.

De acordo com Souza (2005, p. 206) em seu estudo sobre *Crítica Psicanalítica* expõe que, “essa orientação crítica da psicanálise em relação à literatura, sofre censura de algumas outras correntes de crítica literária, que a consideram como uma tentativa de se afastar das Ciências Humanas.”, ou seja, já existem entre essas duas artes um embate ao que diz respeito à sua maneira de agir e existir.

Enquanto a literatura pode ser considerada um corpus linguístico a ser interpretado, a psicanálise refere-se a um corpus epistemológico, um conjunto de conhecimento, cuja competência é invocada para efetuar a interpretação. Em outras palavras, a psicanálise é o sujeito, enquanto a literatura é o objeto. (FELMAN, 1982, p. 5 *apud* SOUZA, 2005, 206)

O fio que une a psicanálise e à literatura, se detém a definir o que foi reprimido no texto, o que a psicanálise procura é interpretar o processo de criação, mas para tanto, acaba

instruindo a criação de uma luta pelo poder inerente ao ser humano, que deve ser entendida como se fosse o princípio fundamental da vida e, assim sendo, deveria embasar toda uma revisão de conceitos morais.

Nesta linha interpretativa, faz-nos imprescindível analisar os apontamentos realizados por Vigotski (2009, p.14) que o ato criador do homem está relacionado a formação da mente e as suas experiências estéticas, pois “[...] a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica”. Este conceito é baseado nos pilares da psicologia histórico-cultural que expressa a vivência de um leitor que cria sua própria linguagem e interação com a obra de arte admirada. Logo, apoiando-se no pensamento de Vigotski (1999):

A meta do crítico se reduz integralmente a sugerir certa orientação para a percepção da tragédia e torna possível essa orientação precisamente nesse sentido; a conclusão que o leitor tirar como resultado da vivência estética com base nessa orientação já é um problema que sai dos limites da percepção limitada e rigorosamente estética da peça (VIGOTSKI, 1999, p. 179)

Esse conceito defendido por Vigotski (1999) sob a tarefa da crítica estética é de transmitir impressões, de provocar uma sensação comovida perante a obra. Nesse contexto, o uso da palavra vivência tem o sentido de experiência entre o homem, seu caráter e sua realidade em confronto com um mundo de valores, os quais projeta o mundo na encenação das personagens.

Neste sentido, o teórico propõe que os processos psicológicos são desencadeados pela arte dando à ideia psicanalítica que, em grande parte, inconscientes externar por meio de palavras escritas – literatura - os aspectos essenciais da emoção estética da criação e da imaginação, já que a criação é condição da existência.

Vale salientar que a compreensão do desenvolvimento humano para perspectiva histórico-cultural Vigotski (1991) exige distintos níveis de considerações, tais como: 1) o nível histórico ou sociogênese; 2) o nível evolutivo ou filogênese; 3) o nível microgênese; 4) nível individual ou ontogêneses. Para Hazin *et al* (2010) alicerçada nos argumentos de Vigotski (1991) expõe que o desenvolvimento ontogenético é:

caracterizado pela transição do comportamento natural para o cultural, no qual as funções psicológicas primárias são atravessadas pela dimensão simbólica, instaurando uma forma qualitativamente diferente de ser e estar no mundo. A linha natural de desenvolvimento refere-se à maturação do corpo, iniciando-se no momento em que o indivíduo nasce e terminando apenas quando ele morre. (HAZIN *et al*, 2010, 91)

Desta forma, debruça-se sobre o texto literário a teoria que poderia desvelar aspectos de seu enigma, ou seja, a incógnita do escrito literário é apurada por uma leitura orientada

pelos fatores psicanalíticos e histórico-culturais. Essas perspectivas, levam em consideração os aspectos do “inconsciente do texto literário”, na tentativa de delimitar o texto e elaborar um método de aproximação entre literatura (objeto) e psicanálise (sujeito).

Dessa maneira, se propõe excluir o autor privilegiando a importância do texto, levando em conta que o objetivo primário do artista, pois é através da comunicação de sua obra a outros, libertar-se e em consequência libertar os desejos recalcados dos outros. Todavia, estas fantasias só se tornam obra de arte após uma transformação que atenua o que nelas é ofensivo, obedecendo às leis da beleza e seduzindo outras pessoas com uma gratificação poderosa, em outras palavras, todo texto é escrito com a finalidade da aceção do outro, mas de modo geral, a criação está entrelaçada com a vida pessoal do artista.

Como consequência, pensasse em trabalhar sobre uma narrativa do mesmo modo que o analista com o relato de seus pacientes, uma vez que “o relacionamento entre o crítico, o texto e o escritor poderá ser discutido no contexto das relações entre o analista e o paciente. Analisam-se, portanto, o relacionamento paciente/texto e também o relacionamento leitores/críticos”, acrescenta Souza (2005, p. 207).

A literatura se detém a prática oral e escrita no exercício da linguagem e, deste modo, torna-se excludente, subjetiva e fundamentada em bases não tão distantes da psicanálise, pelo contrário, ela quem nomeia os seus conceitos mais importantes e não se apartam da linguagem em nenhum momento, traços comuns às duas artes. No entanto, a psicanálise volta suas preocupações aos objetivos clínicos, seu uso da palavra está para a cura, e a sua finalidade é menos de pura interpretação textual e mais de identificação cultural do “eu” internalizado.

Aliás, a observação da subjetividade de cada um é outra relevância entre literatura e psicanálise que, torna-se fundamento da crítica psicanalítica. A psicanálise despertou a implementação da crítica psicanalítica, e sua frutífera descoberta se volta ao inconsciente.

Ao convocarmos a figura do leitor, é este quem possibilita que o texto diga através dele, introduzindo-se nas possibilidades de análise. Por conseguinte, poderíamos dizer que o texto não diz nada, quem diz é o leitor. O que nos leva a deslocar a ideia de “inconsciente da escrita” para propormos a de “inconsciente de leitura” e as possibilidades que esta leitura venha manifestar no sujeito. Podemos propor, assim, que através da leitura a transmissão do desejo do escritor, ao modo do desejo do analista, prevalece.

Com um poeta aparentemente consciente e em pleno gozo de sua liberdade que produz por si mesmo e cria o que quer, pode acontecer o seguinte: que este poeta, apesar de consciente, esteja absorvido de tal modo pelo impulso criativo, que já nem possa lembrar-se de outra vontade; assim como o outro tipo que não consegue sentir diretamente sua própria vontade na inspiração que se apresenta como alheia, embora

o si-mesmo fale claramente por ele. Assim sendo, a convicção do poeta de estar criando com liberdade absoluta seria uma ilusão de seu consciente: ele acredita estar nadando mas na realidade está sendo levado por uma corrente invisível. (JUNG, 1991, p. 63)

A constatação feita pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, vem argumentar a respeito do ato de criação textual, ele atesta que, na verdade, a produção é resultado de uma força imperativa, inconsciente, que leva o artista a criar sem autodomínio, e as provas estão tanto na natureza direta quanto indireta dos casos.

Contudo, alguns teóricos da corrente dos formalistas russos da literatura, (CHKLOVSKI,1976) propõem distinguir o desejo do escritor do desejo do narrador, concebemos este efeito de produção em termos de acréscimo à teoria psicanalítica conhecida, enquanto condição propiciatória de aproximação do real a prática psicanalítica. Também, como condição de relançamento da escritura, possibilitando a geração de textos sustentados pelo diálogo, que no campo da intertextualidade, conversam com as práticas psicanalíticas.

A psicanálise não é considerada ciência, pois seu objeto não pode ser comprovado empiricamente, uma vez que ela trabalha a subjetividade. No entanto, a título de compreensão, podemos pensá-la como mais uma forma de apreciação do homem, é uma delimitação rigorosa do caráter científico da psicanálise, que trabalha com o texto produzido pelo discurso do paciente, que constitui a verdade singular de cada sujeito. Porém, esta verdade é produzida através do discurso que flutua entre analista e analisando. E a função do psicanalista é, pela sua escuta habilidosa, pontuar, sublinhar e reescrever, facilitando o desenho do desejo do analisando, tudo se faz para manter-se no poder.

Neste contexto, podemos pensar a psicanálise como uma ficção muito abrangente que foi se tornando hegemônica, adquirindo poder e mesmo não recebendo o título de ciência, já sobreviveu durante um século. Outra forma de aproximação entre a psicanálise e a literatura se dá pelo uso, em ambas, da palavra. Palavra falada no caso da psicanálise e palavra escrita no caso da literatura. Podemos pensar que não há uma narrativa possível que não passe pelo uso da linguagem, seja ela escrita e/ou oral, pois as relações entre a psicanálise e a literatura passam pelo enfoque do texto do paciente e do texto literário, ambos mediados pela maestria da palavra.

Por outro lado, a percepção e a sensibilidade dos escritores, já que a escrita é para quem produz uma necessidade, expressam os sentimentos de seus personagens, e suas ações, permitindo aos leitores se identificarem (ou não) no momento da leitura, estes são os espaços

para a elaboração de seus próprios problemas, sendo auxiliados por sua capacidade significativa e analítica.

Cada um de nós possui um texto interno, complexo, consciente ou inconsciente, produzido por outras leituras/escrituras, presos em discursos que vão sendo constatados na realidade social, através de mecanismos de condutas presentes em nossa psique. Vemos como em um primeiro momento S. Freud inclina-se sobre o texto literário, tentando desvendá-lo, parecendo inaugurar uma via limitada em seus efeitos, porém suas análises dos criadores e dos públicos da arte e da literatura ameaçavam se tornar, mesmo em mãos habilidosas e delicadas, exercícios de reducionismo.

Ao optarmos pela obra *Ligações Perigosas* (2015), em função da fascinação e polêmica, após anos de publicação, continua exercendo seus leitores. A polêmica é constatada pela forma como as ações nos são expostas, através de cartas íntimas e muito descritivas, e também, pelo perfil de seus personagens que refratam os sentimentos de falsos detentores da moral e pertencentes aos mais altos níveis sociais, que burlam regras, mentem e utilizam da dissimulação em suas relações mais perigosas. O romance epistolar do século XVIII, é norteado por uma áurea diabólica, em destaque estão às relações amorosas, os jogos de sedução, a perda da inocência e as traições e vinganças em uma época de filosofia, luz e leis rígidas de condutas morais e sociais.

Como vemos, a psicanálise remete, na constituição de seu campo, às práticas de discurso constituído pelas vivências e, por sua clínica e pela teoria necessária e decorrente. Prática, clínica e teoria enlaçadas na constituição de um laço social singular, uma vista psicanalítica de um texto literário se trata de uma prática, já que nada nos permite pensar na análise da neurose de transferência de uma narrativa, e ao mesmo tempo, não constitui uma clínica - entendida esta como a reflexão sobre a experiência, sem passar pelo exercício analítico da exposição. Isso quer dizer que quem a utiliza tenha ou não se autorizado como analista para, no caso específico, abordar textos literários, utiliza somente um aspecto da psicanálise, sua teoria, quer dizer, seu aspecto imaginário.

Em *A arte como procedimento*, Victor Chklovski diferencia o discurso prosaico do analítico, através do estabelecimento das disparidades entre os objetivos e imagens criadas por cada um desses discursos. O autor esclarece que, durante anos (e talvez ainda hoje), uma tentativa de generalização e aproximação das finalidades desses dois meios de expressão que, somente quando tratados nos limites de suas peculiaridades, podem ser efetivamente compreendidos.

Examinando a língua poética tanto nas suas constituintes fonéticas e léxicas como na disposição das palavras e nas construções semânticas constituídas por estas palavras, percebemos que o caráter estético se revela sempre pelos mesmos signos: é criado conscientemente para libertar a percepção do automatismo; sua visão representa o objetivo do criador e ela é construída artificialmente de maneira que a percepção se detenha nela e chegue ao máximo de sua força e duração. O objeto é percebido não como uma parte do espaço, mas por sua continuidade. A língua poética satisfaz estas condições. (CHKLOVSKI, 1976, p. 54).

Ao tratar as diferenças entre eles, o ensaio apresenta dois processos que são a chave para a compreensão e distinção das funções das imagens por elas criadas: os processos de automatização e singularização. Assim, consegue-se perceber que, a imagem do discurso cotidiano é facilitadora e procura encurtar o caminho da percepção, enquanto, na psicanálise, a imagem é provocadora, procura estender ao máximo a percepção e acaba por criar um discurso efetivamente instigante e, por isso, elaborado.

Com isso, queremos trazer justamente a questão dos limites da psicanálise e suas fronteiras são estreitas, limitadas inclusive pela própria situação analítica. Os limites a que nos referimos dizem respeito às estruturas clínicas e à particularidade na transferência que elas determinam. Desta forma, propomos o possível de uma relação: utilizar o texto literário no interesse da teoria psicanalítica.

Percebemos que tanto a psicanálise quanto a literatura são ficções que têm como instrumento fundamental a narrativa, seja ela falada ou escrita. Acreditamos que a psicanálise e a literatura possam, enquanto “lugares”, ser espaços que possibilitem a expressão e conseqüentemente a constituição de novas subjetividades e possibilidades de reconhecer o mundo à nossa volta.

Cabe-nos procurar esclarecer que a literatura é um reflexo mimético do mundo psíquico e social em que vivemos, já que a realidade da literatura é aspirar à compreensão da experiência humana refratando pelo ato de criação e pelos tremores de sentimentos que abala, por vezes, nosso espelho interpretativo simbólico. Portanto, a literatura tem um papel particular a cumprir com a natureza da emoção suscitada pela arte.

2 Perigosas Ligações

Marco da literatura epistolar francesa do século XVIII, *Ligações Perigosas* é uma denúncia social marcante de sua época. O autor busca em sua narração, utilizar-se efetivamente da verossimilhança e por ser uma obra composta de cartas narradas em primeira pessoa, consegue aproximar e criticar ao máximo os perfis e hábitos deturpados da sociedade

da época, através dos costumes de homens e mulheres que compõem a trama, o que consequentemente, causou grande alvoroço e descontentamento.

Durante alguns meses, um grupo de nobres franceses trocam cartas secretamente, no centro da intriga, estão a dissimulada e intrigante Marquesa de Merteuil, suposta confidente da jovem Cécile Volanges, a quem a Marquesa tenta convencer a de se entregar antes do casamento, a outro homem, e também ao libertino dissimulado, Visconde de Valmont, que tenta a todo custo conquistar a virtuosa, porém casada, Presidenta de Tourvel.

Há polêmica desde o ano de sua primeira edição, o livro *Les liaisons dangereuses* (*Ligações Perigosas*), de Pierre Choderlos de Laclos, somou vinte edições esgotadas apenas no primeiro ano de sua publicação, em 1782, e até hoje se mantém atual. Ficou ainda mais popular após inspirar adaptações hollywoodianas, já que a trama de maquinações, invejosas e vinganças, chegou inclusive à TV, por meio da Rede Globo, em forma de minissérie contando com dez capítulos e um elenco a altura da grandiosidade da obra.

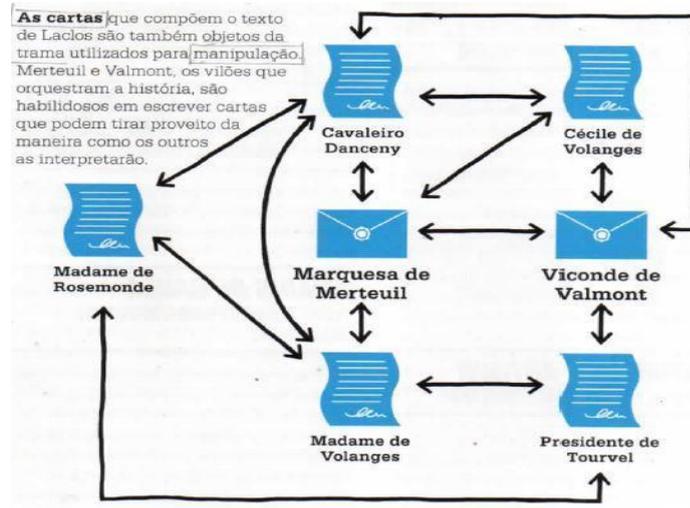
A trama “diabólica” começa a ser contada a partir das correspondências de Cécile Volanges, jovem que vivia até então no convento e é surpreendida pela liberdade para poder ser preparada para o seu casamento, com o Conde de Gercourt e, no entanto, seu pretendente a noivo que é amante secreto de sua prima, a Marquesa de Merteuil. Este noivado provoca a fúria da Marquesa que busca apoio do amigo e confidente Visconde de Valmont, para iniciar seu jogo de vingança e para tanto, utiliza de todas as armas de dissimulação. O Visconde, também, se encontra ocupado com uma nova conquista, pois ele quer seduzir, de início por puro capricho, a Presidenta de Tourvel, esposa do Sr. de Tourvel, e não pensa em medir esforços nem muito desistir, até conseguir o que deseja.

Choderlos de Laclos (1741-1803) construiu um romance cujo primeiro plano se destaca as relações amorosas, a perda de inocência e a traição, mas como pano de fundo, apresenta um dos mais sofisticados e ferinos retratos da aristocracia pré-revolução francesa, e uma genuína reflexão sobre a hipocrisia do poder, a avareza e os sentimentos mais perversos que podem ser detectados no lado mais obscuro da alma humana.

Os personagens em cena se evidenciam por seus maus costumes, a Marquesa de Merteuil e o Visconde de Valmont, apesar de todo luxo que os rodeiam e da extrema cortesia e sofisticação que apresentam, personificam o que há de mais vil na humanidade e se enquadrando perfeitamente ao perfil de traços psicopáticos. Ex-amantes, os protagonistas ao longo de 58 das 175 cartas que compõem a obra, fingem e manipulam as pessoas a sua volta por prazer ou, simplesmente, para fortalecer seus discursos de poder através do discurso da

dissimulação, fato que tecem com delicadeza e comprometimento um plano de sedução e vingança para provar que não são manipuláveis e descartáveis como todos os outros a sua volta.

Figura 01 : Estrutura do envio das cartas



Fonte: CANTON *et al.* **O livro da Literatura**. São Paulo: Globo, 2016, p. 101.

As estratégias da Marquesa e do Visconde vão sendo contadas em suas correspondências e, por meio das minuciosas descrições e toque rebuscado de ironia ficamos sabendo de seus desejos mais profundos e da crueldade de seus proferidos atos. São nítidos os requintes de maldade por eles articulados, revelam suas verdadeiras más intenções. *Laclos* compõe a trama com tamanha precisão que, na época, chegaram a imaginar que o romance era, na verdade, uma reunião de cartas verídicas sobre fatos que realmente aconteceram.

Antecipando ideias que Freud só viria a nomear mais de um século depois, tendo como inspiração o romance epistolar *Júlia* ou *A nova Heloísa* (1761), de Jean-Jacques Rousseau, utilizado na epígrafe de *Ligações Perigosas*, Choderlos de *Laclos* mergulhou nas profundezas obscuras de personagens que, embora aparentemente comuns, estão envolvidos pelo universo da psicanálise, não só pelas descritas inquietações e costumes, como também, o diagnóstico dos sinais dissimulatórios e pistas claras nos discursos que levam os protagonistas aos lugares mais sombrios de si mesmos, para conseguir o que querem que seja na verdade, destruir quem está a sua volta.

Abaixo temos o fragmento da primeira carta trocada entre a Marquesa de Merteuil e o Visconde de Valmont, onde já é nítido observar os planos traiçoeiros da Marquesa contra Cécile Volanges, ela pede auxílio ao Visconde para a realização de sua vingança e a menina é

alvo de tamanha artimanha, pois foi pedida em casamento pelo então amante da marquesa, o Conde de Gercourt.

Neste sentido, a “troca” por uma menina jovem e recém-saída do convento, lhe desagrada e a enche pela projeção da sombra. É a manifestação mesquinha e maquiavélica do seu lado obscuro, representando grande perigo, principalmente por se tratar da maior força e mais destrutiva parte da psique.

Na carta nº10 mostra a mudança nítida de humor da Marquesa, que reafirma sinceros sentimentos de amizade e lealdade ao Visconde, demasiadamente longa, ela desabafa sobre todas as suas cartadas em seus jogos a respeito de Cécile Volanges, e acaba assumindo seus esquemas falsos e deturpados, aproveita e também expõe as aventuras com seu amante.

Está aborrecido comigo, Visconde? Ou está morto? Ou vive apenas para a sua presidenta, o que muito se assemelha a estar morto? Essa mulher, que lhe restituiu as ilusões da juventude, em breve também lhe passará seus preconceitos ridículos. Vejo que já está tímido e escravizado. Essa atitude equivale a estar apaixonada, porquanto você renúncia as suas audaciosas e eficazes táticas de conquista. Por isso, estar se conduzindo sem diretrizes, deixando tudo ao acaso, ou melhor, ao capricho. Já não se lembra de que o amor, como os remédios, é apenas a arte de ajudar a natureza? Está notando como o venço com suas próprias armas? Mas não vou me orgulhar disso: é como vencer um homem prostrado no chão. [...] Seja como for, para que venha a entregar-se, a maneira correta de agir é começar por possuí-la. Essa ridícula distinção não passa de uma verdadeira bobagem nas coisas do amor! Digo amor, pois você está apaixonado. Dizer-lhe algo diferente seria traí-lo, seria esconder de você seu próprio mal. Conte-me então, amante langoroso, essas mulheres que você teve, pensa tê-las violado? Por mais que nós, as mulheres, desejemos nos entregar, por mais que tenhamos pressa em fazê-lo, sempre é preciso termos um pretexto. [...] Ou seja, uma habilidade que condicione um ataque capaz de manter um quê de violência, até mesmo nos movimentos com os quais estamos concordando, e de satisfazer com maestria a nossas duas paixões favoritas, a glória da defesa e o prazer da derrota. Admito eu semelhante talento no ataque, mais raro do que se possa imaginar, sempre me deixou satisfeita, inclusive quando não fui por ele seduzida. Isso porque, algumas vezes, ocorreu ter-me entregue unicamente como recompensa a esse talento. Tal como em nosso torneios medievais, a beleza premiava a coragem e a habilidade. (LACLOS, 2015, p. 32-33)

Nessas condições, a Marquesa demonstra desaprovação pelos planos de conquista do Visconde e na carta nº 20 mostra-se ainda mais severa pela ausência dele ao seu lado na maquinação de seus trabalhos os planos, fazendo um “acordo” com o Visconde em que acaba descrevendo melhor seu plano de vingança contra o conde de Gercourt, o qual envolve a menina Cécile e mais uma vez, constatamos a exploração da projeção da sombra.

Trata-se de um dos mais perigosos assuntos, quando se refere à alma humana, e talvez por isso mesmo, nos cause tão desconforto as atitudes da Marquesa para com os outros a sua volta. Desprovida de sentimentos de bondade, ou seja, sem consciência, mas com muito desenvolvimento do inconsciente coletivo, ela admite sentir alegria e glória com a maldade. Jung confirma um pensamento que é muito importante antes de aceitarmos o mal e seus

efeitos destrutivos, ele diz: “Se o mal não existe, se o mal não é, então o bem também não existe.” (JUNG, 2014, p. 56). Ou seja, é preciso que legitimam a existência do mal no mundo e em nós mesmos, e em seguida, após esta aceitação, é de extrema necessidade refletir sobre os efeitos do escuro que escondemos e no caso da Marquesa, que ela só aparenta por meio dos resquícios de suas vontades secretas, expostas ao Visconde.

Talvez venha a considerar o assunto sob o ângulo da vaidade, e, tal como quando somos picados pelo desejo de ganhar no jogo, não sabemos quando parar. Seria mulher o suficiente para acorrentá-lo outra vez, para fazê-lo esquecer sua presidenta. No entanto, se eu – eu, a indigna – fizesse com que você deixasse de apreciar a virtude, um grande escândalo se formaria! Para evitar esse perigo, aqui estão minhas condições. [...] Toda via, se eu não cultivasse os bons costumes, meu cavaleiro teria neste momento rival temível. Trata-se da pequena Volanges. Estou louca por essa menina. Verdadeira paixão. Ou muito me engano, ou ela se transformará numa das mulheres mais na moda entre nós. Vejo seu coraçãozinho desenvolver-se, o que é para mim um espetáculo fascinante. Já está amando o seu Danceney com furor, mas ainda não está consciente disso. Ele próprio, embora muito apaixonado, ainda tem a timidez de sua idade. Por isso, não ousa declarar-se a ela. Ambos simplesmente me adoram. A pequena, sobretudo, tem imensa vontade de contar-me seu segredo. Particularmente, depois de alguns dias, vejo-a deveras oprimida por esse desejo de abrir-se totalmente comigo. Iria prestar-lhe um grande favor, caso ajudasse um pouco. Mas não esqueço que se trata de uma criança. Não quero comprometer-me. Danceney falou-me um tanto mais claramente. . (LACLOS, 2015, p., 48-49)

Dando continuidade em nossas análises, apresentamos a carta n° 29, a qual Cécile confidência muito dos acontecimentos de sua vida a uma antiga amiga de convento, Sophie Carnay, por motivo de volume, as cartas de Sophie não foram registradas na obra e por tanto, nunca sabemos a resposta para as inquietações de Cécile.

Nesta carta, ela escreve detalhes para a amiga dos recentes acontecimentos envolvendo Danceney, o professor de música usado pela Marquesa e pelo Visconde, para consumir seus planos, mas ele está apaixonado por Cécile e acaba não sendo eficiente em seus planos. A menina conta, também, sobre a “ajuda” que vem recebendo da Marquesa nos últimos dias.

De acordo com Ribeiro (1987) “quando falamos de “paixão”, a pensar num tipo apenas dela: o amor apaixonado [...] o que se destacou foram os outros sentidos da paixão, a começar do principal, o de afecções da alma (plural), que podem ser o medo, a esperança, a glória, a inveja, o ciúme, etc”.

A Marquesa utiliza-se da máscara da lealdade e bondade para com a menina, e a induz para os seus planos, faz com que ela responda ao cavaleiro Danceney, e lhe incentiva a falar sobre seus sentimentos, tornando-se cada vez mais próxima dele e dela. Atitude que leva mais uma vez ao comportamento dos psicopatas, que ao transgredirem as regras sociais, e considerarem a moral apenas como “obstáculos”, deturpam a realidade em prol de suas

ambições, seus sinuosos prazeres. Na vida dos psicopatas, as regras sociais não produzem ou despertam o menor sentido.

Bem que eu lhe disse, Sophie, que a casos em que podíamos escrever. Garanto-lhe que me arrependo de haver acatado sua opinião, que tanto nos fez sofrer, o Cavaleiro Danceney e eu, a prova de que eu tinha razão é que a sra. de Merteuil, que é grande conhecedora do assunto, terminou por concordar comigo. Confessei-lhe tudo. De início, concordou com você. Mas, quando lhe expliquei pelo que passava, admitiu que era algo diferente. Exigiu somente que lhe mostrasse todas as cartas, inclusive as do Cavaleiro Danceney, para se assegurar de que escreverei apenas o que convier. Desse modo, estou agora outra vez tranquila. Meu Deus, como gosta da sra. de Merteuil! É tão bondosa! Ademais, trata-se de uma mulher respeitada. Não há nada, pois, do que eu possa me arrepender [...]. A sra. de Merteuil disse-me também que me emprestaria livros seus que se referem a tudo porque eu estou passando e que poderiam ensinar-me não apenas como devo me comportar, mas também como escrever melhor do que faço, pois repare bem, ela me mostra todos os meus defeitos, o que é uma prova de que me quer muito. Recomendou-me apenas não contar nada à mamãe sobre os livros que me emprestou, pois isso poderia sugerir que esta negligenciou minha educação, o que possivelmente a desagradaria. Ah, não lhe contarei nada! (LACLOS, 2015, p. 66-67)

Já na carta nº 38, constatamos que a Marquesa se atenta a falar sobre o recebimento das cartas que o Visconde lhe enviou, mas está mesmo necessitada em falar à respeito de Cécile e de quanto anda seus planos com a menina, em uma tentativa de persuasão por meio da linguagem e específica imposição e poder qual detém. Reafirma que, com a ajuda do Visconde, tudo se tornaria mais fácil, porém detalha sua perversidade ao enaltecer em Cécile, o pior que pode existir na personalidade, julgando estar lhe fazendo o melhor.

Dessa forma, podemos nos assegurar de que o indivíduo dissimulado acredita que sua atitude é a parte mais forte da existência, utilizam do cenário de intrigas e falcatruas para sustentar a dissimulação. É obter domínio sobre a caça, que lhes interessa. Confirmamos isso com as palavras da Doutora Ana Beatriz Barbosa Silva, “é importante ter em mente que todos os psicopatas são perigosos, uma vez que eles apresentam graus diversos de insensibilidade e desprezo pela vida humana.” (SILVA, 2008, p. 129).

Não tendo com o que me ocupar, distraio-me com a pequena Volanges. É sobre ela que lhe quero escrever. Sabe que perdeu muito mais do que poderia ter imaginado a não encarregar-se dessa menina? É sem dúvida deliciosa! Não tem caráter ou princípios. Imagine como sua companhia lhe poderá ser meiga e fácil. Penso que nunca se destacará por seus sentimentos. Todavia, tudo nela anuncia as sensações mais vividas. Sem inteligência nem fineza intelectual, tem, contudo, uma certa falsidade natural, se é que se pode dizer assim, que muitas vezes é capaz de surpreender-me a mim mesma e que terá tanto maior sucesso quanto sua fisionomia transmite a imagem da candura e da ingenuidade. É naturalmente carinhosa, e algumas vezes me divirto com isso. Sua cabecinha se esquenta com uma facilidade incrível. Então, é tanto mais divertida quanto não sabe nada, absolutamente nada, sobre o que tanto deseja saber. Por vezes, é tomada por uma impaciência bastante engraçada. Rir, decepçiona-se, chora e, depois, pede-me que lhe diga o que deve fazer, com uma boa-fé realmente sedutora. Na verdade, sinto-me quase com ciúmes daquele a quem esse prazer está reservado. (LACLOS, 2015, p. 83-84)

O que nos é apresentado na carta n° 44 é a riqueza de detalhes, o Visconde queria a todo custo descobrir quem eram os amigos que falaram mal dele para a beata, articulou um plano, infalível, junto ao seu fiel empregado e conseguiu obter a bolsa na qual a presidenta guardava suas cartas, foi assim que descobriu detalhes importantes para desenvolvê-lo da história. Entre as cartas estavam as suas, que ela não ousou dar fim, as indigestas de seu marido, o Sr. De Tourvel, e a mais importante delas, as da Sra. de Volanges, que teriam constatações e “horrores” sobre ele.

É a partir de então, que ele decidiu ajudar a Marquesa em seu plano de vingança, onde a vítima é Cécile, pois agora sente que deve aproveitar a situação para também vingar-se, neste caso, da Sra. de Volanges, qual dedicou longas cartas para falar sobre sua conduta à amiga, Presidenta de Tourvel. Aqui é onde ocorre o ponto alto da história, já que a dissimulação ganha um aliado à altura dos perigos que envolvem a situação.

Até esse momento, estava eu inteiramente entregue ao amor. Logo, este cedeu lugar ao furor. Quem você acha que está querendo arruinar-me junto a essa mulher que adoro? Que fúria você supõe ser maligna o suficiente para tramar tamanha perfídia? Você a conhece: trata-se de sua amiga, de sua parente, trata-se da sra. de Volanges. Você não pode imaginar a tessitura de horrores que a infernal megera lhe escreveu sobre mim. Foi ela apenas ela, quem perturbou a paz dessa mulher angelical. Foi por seus conselhos, por suas ideias perniciosas que me vejo forçado a me afastar daqui. É a ela, enfim, que me estão sacrificando. Ah, sem dúvida, a sua filha deve ser seduzida! Mas isso não será o suficiente. É preciso que se transforme numa perdida. Como a idade dessa maldita mulher a coloca a salvo de meus ataques, será necessário golpeá-la no mais caro objeto de suas afeições. Ela quer que eu retorne a Paris! Forçam-me a fazê-lo! Que assim seja. Voltarei, mas meu retorno vai fazê-la gemer. Desagrada-me que Danceny seja o centro dessa aventura. Seu íntimo honesto vai nos atrapalhar. Contudo, está apaixonado. Vejo-o com frequência e talvez possa tirar partido disso. Deixo-me levar pela cólera e esqueço que devo a você o relato do que aconteceu hoje. (LACLOS, 2015, p.99-100)

A partir de então, o desenrolar da trama ganha caminhos ainda mais perigosos, a carta n° 51 traz confissões da Marquesa descrevendo o que deve fazer o Visconde com o cavaleiro Danceny, e o respectivo encontro que os dois marcaram para usarem o professor, como arma em suas ações dissimulatórias. Lembra o motivo pelo qual estão unidos, que se não é por amor, é fortemente pela vingança.

O que muitos nos faz retomar a manipulação, já que são a partir das palavras e arranjos da Marquesa, que fazem com que acenda cada vez mais no Visconde, os intuitos de querer vingar-se. O domínio e controle sobre os seres pessoais se leva a cabo mediante as técnicas de manipulação, a Marquesa passa a usar da “amizade” com o Visconde, forma de unidade estável, afetuosa, compreensiva, colaboradora, como instrumento para despertar seus lados mais sombrios. Como afirma Jung (2014, p. 61) “O que há com esse lado obscuro? Se fôssemos menos conscientes, isso seria bem fácil, íamos levando. Não seríamos tão limpos,

tão bons, tão morais”, porém, ao ser colocado de frente às próprias limitações e emergido pela voz que o conduz ao pior de si mesmo, ele transforma-se real na própria sombra.

Por menos hábil que seja, amanhã você deve tornar-se confiante de Danceney. O momento – o da infelicidade – é propício à confiança. A pequena se abriu. Disse-me tudo, como uma criança. Depois disso, está se atormentando a tal ponto, com medo de ir para o inferno, que quer a todo custo romper com ele. Contou-me todos os seus pequenos escrúpulos, com uma excitação que me fez ver claramente como estava alterada. Mostrou-me sua carta de rompimento, que é um sermão altamente hipócrita [...] Seja como for, em vez de perde meu tempo com argumentos que poderiam me comprometer, sem que, talvez, pudessem persuadir a menina, aconselhei-a a romper com ele. No entanto, acrescentei que, em casos semelhantes, só estaríamos agindo corretamente se expusemos nossas razões para o rompimento pessoalmente, e não por escrito, e que era praxe devolver as cartas e quinquilharias que pudéssemos ter recebido. E dando a impressão de que me identificava com os pontos de vista da menina, convenci-a a encontrar-se com Danceney [...] Adeus, Visconde. Assenhore-se de Danceney e diga-lhe como deve comportar-se. Seria uma vergonha se não fizéssemos o que queremos com essas duas crianças. Se estamos tendo mas trabalho do que havíamos suposto, imaginemos, para animar nosso empenho, você, que se trata da filha da sra. de Volanges, e eu, que ela deverá ser a mulher de Gercourt. Adeus. (LACLOS, 2015, p.109-111)

Nesta carta nº 57, temos a exposição da insatisfação do Visconde perante Danceney, que se mostra apaixonado demais para cometer qualquer ato que possa “violiar” a honra de Cécile. Está feliz com a situação da maneira que se apresenta, e isso o leva a crer que poderá estragar tudo. Afinal, como já dissemos, os seres psicopatas não apresentam consciência, ou seja, não estão munidos de afeto, amor ou qualquer bom e eficaz sentimento.

O quanto é claro para nós, enquanto analíticos das teorias da psicanálise, que não se trata de puro e simples incômodo por haver entre Danceney e Cécile uma ligação amorosa, é a inveja quem lhes coloca em posição tão audível de revolta e inconformidade. Nem o Visconde, nem muito menos a Marquesa, conseguem lidar com o fato de existir no mundo, tão próximo a eles, em seus ditos inimigos, sentimento como o amor, qual eles não conhecem nem muito menos possuem.

É, sem dúvida, por vingança que você está acostumando sua amada a cometer para com ele pequenas infidelidades. Que péssimo caráter o seu! Sim, como você é uma mulher encantadora, não me espantarei se ela lhe opuser menos resistência que a Danceney.

Seja como for, conheço-o perfeitamente, esse belo herói de livros românticos! Não tem mais segredos para mim. Tanto insisti com ele que o bem supremo era um amor verdadeiro, que um sentimento desses valia mais que dez intrigas amorosas, que eu mesmo estava agora me sentindo enamorado e tímido, que ele acabou vendo em mim um modo de pensar tão semelhante ao seu e, fascinado como estava por minha candura, contou-me tudo, jurando uma amizade sem reservas. Mas nem por isso avançamos muito em nosso projeto.

Em primeiro lugar, tive a impressão de que seus valores indicam que uma senhorita merece muito mais respeito que uma mulher feita, porque a primeira tem muito mais a perder. Pensa ele, sobretudo, que nada pode justificar a ação de um homem que coloque uma jovem diante da necessidade de desposá-la ou de viver sem honra, quando a jovem é infinitamente mais rica que o homem, como no caso dele. A segurança proporcionada pela mãe, a candura da filha, tudo o intimida e o imobiliza.

O grande obstáculo não será combater seus argumentos, por mais corretos que sejam. Com pouco de habilidade e ajuda da paixão que está vivendo, logo os destruiremos, ainda mais porque podem ser ridicularizados e porque teríamos ao nosso lado a experiência. (LACLOS, 2015, p. 120)

Chegamos então à carta nº 63 que, além de longa é altamente explicativa, podemos até afirmar, ser a carta onde há por parte da Marquesa, maior ironia e explicações de sua má conduta, ela acha glorioso sua maledicência, e quase que poeticamente, expõe as travessias de sua escuridão refletida em Cécile. Conta-nos a respeito da arquitetura de seu mais recente golpe contra a jovem menina, resultado da última carta em que Danceney, como tinha atestado Valmont, estava pacífico a situação dos dois. A Marquesa dissimulada e invejosa, denunciou discretamente a menina a sua mãe, a Sra. de Volanges, sobre suspeitas particulares de que Cécile estava tendo algum tipo de troca de correspondências com Danceney.

A sra. de Volanges acabou provando a denúncia, e ambas tinham amizade e consolo da mesma atriz no palco social onde reina a maldade, a Marquesa continuou a fingir estar do lado da garota, e induziu a mãe que levasse ela para espairecer no campo, por alguns dias, junto a tia de Valmont, a Sra. de Rosemonde. Dizia que, ficar longe de Danceney seria, por hora, o melhor a se fazer, e assim, dá claras ordens de que o Visconde prossiga com os planos.

Além do exagero dissimulatório e manipulador desta carta, podemos constatar outro indício do perfil psicopata da Marquesa, que se dá pela sua alteração comportamental grave e o senso de posse do outro, como seu objeto particular. No livro *Mentes Perigosas*, afirma a Dr^a Ana Beatriz Barbosa da Silva (2008, p. 129) que “muitos psicopatas procuram nos atos perigosos, proibidos ou ilegais que praticam o suspense e a excitação que esses atos provocam. Para eles tudo isso não passa de mero prazer e diversão imediatos, sem qualquer outra conotação”. Assim, é para a Marquesa, um jogo perigoso em que ela obtém a cada triunfo, diversão.

O fato que o levou a escrevê-lo é obra minha, minha obra de arte. Não perdi tempo depois da última carta que você me escreveu. Disse a mim mesma, como aquele arquiteto de Atenas: “O que ele disse, eu o farei”.

É preciso então que esse lindo herói de novelas românticas encontre obstáculos pela frente? Continua ele a adormecer feliz? Ah! Que venha até mim, que lhe darei muitos trabalhos. Ou muito me engano, ou o sono não será mais tranquilo. Foi preciso fazer que visse como o tempo é precioso. Envaideço-me de que se sinta agora arrependido do tempo que perdeu. Você mesmo considerou que lhe fazia falta maior mistério. Pois bem! Essa necessidade não mais lhe faltará. Algo bom em mim é que basta que me façam ver meus erros para que não descanse até corrigi-los. Persuadida de que você havia apontado com precisão a causa do mal, fiquei todo o tempo pensando como encontrar um meio de curá-lo. [...] Inteiramente dedicada a Danceney, o desejo de tirá-la de sua indolência ou de puni-lo por ela não me permitiu fechar os olhos. Apenas depois de haver consertado meu plano com perfeição é que pude encontrar duas horas de repouso.

À tardinha, fui visitar a sra. de Volanges e, seguindo meu plano, confidenciei-lhe estar convicta de que havia uma ligação perigosa entre sua filha e Danceny. Essa mulher, tão clarividente para acusar você, estava a tal ponto cega que inicialmente me respondeu dizendo que com toda a certeza eu me equivocava, que a filha era uma criança. [...] Não podia dizer-lhe tudo o que sabia, mas citei palavras e olhares trocados com os quais meu caráter e minha amizade se alarmavam. Enfim, falei quase tão perfeitamente quanto faria uma beata e, para dar o golpe decisivo, cheguei até a dizer que pensava ter visto uma carta que fora entregue e recebida. “Isso lembrou-me”, acrescenta, “que um dia a menina abriu diante de mim uma gaveta de sua escrivaninha, na qual vi muitas folhas de papel que ela, sem dúvida, ali guardava”. “Você sabe se ela tem mantido correspondência frequente com alguém?”, perguntei. Nesse momento, a expressão da sra. de Volanges alterou-se e vi lágrimas rolar por suas faces. “Eu lhe agradeço, minha honrada amiga”, disse ela segurando-me as mãos, “Vou esclarecer tudo”.

Depois dessa conversa, curta demais para ser suspeita, fui ver a jovem criatura. Deixei-a logo depois, para ir pedir à mãe que não me comprometesse junto à sua filha, o que me prometeu com tanta boa vontade que lhe fiz ver como seria benéfico se a menina tivesse suficiente confiança em mim para abrir-me seu coração, tornando-me, desse modo, capaz de dar-lhe meus sábios conselhos. O que me deixa certa de que a mãe cumprirá sua promessa é que não duvido querer ela para si as honras de haver surpreendido a filha. Por isso, considere-me autorizada a manter meu tom amigo com a pequena, sem parecer falsa aos olhos da sra. de Volanges, o que justamente estava querendo evitar. Com isso, obtive a vantagem de puder estar no futuro com a menina, por tanto tempo e tão secretamente quanto quiser, sem que a mãe jamais possa ter a menor suspeita. Aproveitei-me dessa nova situação ainda naquela noite. Terminando o jogo de cartas, levei a pequena para um canto onde ficamos a sós. Fiz com que abordasse o assunto Danceny, sobre o qual nunca para de falar. Diverti-me em encher sua cabeça com a perspectiva do prazer que teria em vê-lo no dia seguinte. Não houve loucuras que não a tivesse feito dizer.

Tinha de compensar com esperanças o que eu lhe havia subtraído na realidade. Tudo isso deveria torná-la ainda mais sensível ao golpe de ter perdido seu namorado, estando eu persuadida de que, quanto mais vier a sofrer, tanto mais será obrigada a desembaraçar-se dele na primeira oportunidade. Aliás, é propício acostumar a grandes acontecimentos alguém que destinamos a grandes aventuras.

Afinal de contas, não deve ela pagar com algumas lágrimas o prazer de ter seu Danceny? Está louca por ele! Pois bem, prometo que ela o terá, e mais cedo ainda do que o teria sem essa tempestade. Trata-se de um pesadelo, do qual despertar-se será uma delícia. E, considerando-se tudo, creio que deve sentir-se agradecida a mim. De fato, se bem que eu tenha agido com um pouco de malícia, preciso divertir-me: Os tolos estão neste mundo para nossos pequenos prazeres. (LACLOS, 2015, p. 127-129)

Resolvemos destacar, também, em nossas análises, o alcançar dos objetivos principais dos personagens dissimulados da trama, a conquista da então vingança. Von Franz descreve (2012), algumas das principais formas de como a característica mais forte do inconsciente age no ser humano, que é a sombra, ele afirma: “seja qual for a forma que tome, a função da sombra é representar o lado contrário do ego e encarnar, precisamente, os traços de caráter que mais detestamos-nos outros”. (VON FRANZ, 2002, p. 173).

Assim o faz o Visconde de Valmont na carta nº 96, um dos descritos mais indigestos entre os dois, pelo nível de perversidade e insinuada dissimulação. Ao longo de cinco laudas de carta, vamos sendo informados de como ele agiu para conseguir entrar no quarto de Cécile e forçar a menina a beijá-lo e sem sua autorização, tirar-lhe a virgindade. É a descrição do

estupro. O que nos remete a Stein (2006), atenta para a alteração do caráter dos dissimulados, para ajustar-se às circunstâncias específicas em prol de prazer, nas almas duvidosas e sedentas por intriga. “De um modo geral, quanto mais prestigioso é o papel, mais forte é a tendência para identificar-se com ele” (STEIN, 2006, p. 106), assim o faz Valmont, abaixo:

Você já deve estar tratando de descobrir por que meios suplantei tão rapidamente o querido namorado e qual o método de sedução próprio para essa idade e seu nível de experiência. Poupe-se tanto trabalho: não empreguei nenhum. Enquanto vocês mulheres, ao utilizar as armas de seu sexo triunfam pela sutileza, eu, atribuindo a nós, homens, direitos imprescritíveis, subjuguiei-a pela autoridade. Certo de que me apoderaria de minha presa se pudesse chegar até ela, foi preciso apenas um ardil para aproximar-me, e o que o usei quase não merece ser assim chamado.

Aproveitei-me da primeira carta que recebi de Danceny para sua amada. Depois de tê-la avisado que tinha algo a dar-lhe pelo sinal que havíamos combinado, em vez de empregar minha habilidade em entregar-lhe a carta, usei-a para não encontrar meios de fazê-lo. Fingi estar compartilhando com ela sua ansiedade quanto ao atraso na entrega, ansiedade que eu mesmo nela fizera brotar; Depois de haver causado o mal, indiquei o remédio para curá-lo. A jovem está instalada num quarto com uma porta para o corredor; Mas, como era de se esperar, sua progenitora manteve a chave consigo. Só me faltava apoderar-me desta. Nada mais fácil de levar adiante. Apenas pedi à menina que deixasse a chave à minha disposição durante umas duas horas para que, como prometi, providenciasse uma cópia. Então, correspondência, conversas, encontros noturnos, tudo ficaria cômodo e seguro. No entanto, você acredita que a tímida menininha ficou com medo e se recusou a pegar a chave? Outro homem se sentiria mortificado, mas vi em sua reação apenas a possibilidade de obter um prazer mais intenso ainda. Escrevi a Danceny queixando-me da recusa de sua amada, e o fiz tão habilmente que nosso atabalhado rapaz não sossegou até conseguir – na verdade exigir – que sua temerosa namorada honrasse meu pedido e se pusesse inteiramente a minha disposição.

Foi agradável para mim, confesso, ter mudado de papel dessa maneira, e que o jovem fizesse por mim o que esperava que eu viesse a fazer por ele. Pensar nisso redobrava a meus olhos o valor da aventura. Por isso, a partir do momento em que tive a preciosa chave nas mãos, apressei-me em utilizá-la. Foi na noite passada.

Após me assegurar de que tudo estava tranquilo no castelo, armado com minha lanterna furta-fogo, vestido em trajes próprios para aquela hora, tal como exigiam as circunstâncias, fiz minha primeira visita à sua pupila. [...]

Depois de ter acalmado seus primeiros temores, como não tinha ido até lá para conversar, arrisquei algumas liberdades. Sem dúvida, no convento não lhe ensinaram bem a quantos e diferentes perigos está exposta a tímida inocência que partes do seu corpo deve defender para que não seja tomada de surpresa. Isso porque, concentrando toda a sua atenção e toda a sua força em esquivar-se de um beijo – que não passava de um falso ataque –, deixou todo o resto sem defesa. Como não me aproveitar disso? Então, acelerei a marcha e imediatamente tomei posição. Nesse momento, pensamos que estávamos perdidos: a jovem, muito apavorada, sinceramente quis gritar. Felizmente, sua voz extinguiu-se no seu pranto. Também se lançou à corda da campainha, mas minha destreza reteve seu braço a tempo.

"O que está querendo fazer", disse-lhe então, "desgraçar-se para sempre? Podem vir, que me importa! A quem poderá convencer de que estou aqui sem sua permissão? Quem, se não você, teria podido possibilitar-me os meios de entrar aqui? E essa chave que recebi, que só poderia ter recebido de você: "Vai explicar para que seria usada?"

Esse curto sermão não dissipou nem a dor, nem o ódio, mas levou à submissão. Não sei se eu mantinha um tom eloquente; Pelo menos, garanto, não foram assim meus gestos. Uma mão ocupada em forçar, outra em fazer amor, que ora a dor poderia pretender ser gracioso em semelhante situação? Se imaginar bem a posição em que estávamos, concordará comigo que ao menos era propícia para o ataque. Mas,

quanto a mim, não sei nada de nada, e, como você mesma me escreveu, a mulher mais simplória, uma interna de convento, me domina como a uma criança.

Esta, ao mesmo tempo em que se sentia desesperada, percebeu que era preciso decidir-se e entrar em negociações. Tendo suas súplicas me encontrado inexorável, foi preciso que fizesse concessões. Você deve estar imaginando que vendi muito caro a estratégica posição em que me achava: Não, tudo prometi por um beijo. É verdade que, recebi do beijo, não mantive a promessa: tinha boas razões. Havíamos combinado que eu o receberia ou daria? Depois de regatear, concordamos quanto a um segundo beijo, o qual, ficou dito, seria recebido. Então, tendo guiado seus tímidos braços de tal modo que abraçasse meu corpo e trazendo para mim, mais amorosamente, com um dos meus, o doce beijo foi de fato recebido, mas muito, muitíssimo bem recebido: tanto, enfim, que se me amasse não teria feito melhor.

[...]

Falando seriamente: fiquei muito contente por poder observar nessa ocasião, a força das circunstâncias, as quais, no presente caso, não estavam sendo influenciadas por nenhum fator externo. Na verdade, a pequena Volanges estava tratando de lutar contra a força do amor com seu recato e sua vergonha, fortalecida sobretudo pela irritação que eu lhe havia causado e que era efetivamente muito grande. Nada mais que circunstâncias, mas que se apresentaram a mim naquele momento como oferta, impondo sua presença, embora o amor estivesse ausente.

Para verificar minhas observações, tive a malícia de somente empregar a força que pudesse ser combatida. Apenas se minha encantadora inimiga, abusando da facilidade que lhe estava possibilitando, estivesse por escapar-me, eu a continha com aqueles mesmos tremores cujos efeitos eu já tinha comprovado com sucesso. Pois bem! Sem mais cuidados, esquecendo suas juras de amor, a terna namorada começou por ceder e terminou por consentir, o que não quer dizer que, depois desse primeiro arrobo, acusações contra mim e lágrimas não tivessem voltado, misturando-se, ignoro se eram verdadeiras ou falsas, mas, como sempre acontece, sessaram a partir do momento em que procurei causá-las de novo. Finalmente, de fraquezas a acusações, e de acusações a fraquezas, apenas nos separamos quando satisfeitos um com o outro, e ambos de acordo com o encontro da noite de hoje. (LACLOS, 2015, p.218 - 220)

Sendo bons ou maus, somos resultado do meio que nos habituamos a fazer parte, “De um modo que foge completamente à nossa compreensão, o nosso inconsciente também está sintonizado com nosso meio ambiente.” (VON FRANZ, 2002, p. 208), o contato entre o Visconde de Valmont e a Marquesa de Merteuil, os sincroniza para se voltarem à maldade. É como se a imagem do arquétipo vazio de um, se refletisse sobre o outro.

Toda a perversidade da Marquesa era até então entendida como mero “capricho”, mas na verdade, após atingir seu alvo supremo que era Cécile, fica claro que ela não mantém um equilíbrio, começa a relacionar e utilizar de ironias e metáforas para atingir o Visconde e sua obsessão pela Presidenta de Tourvel. “Há duas razões principais que fazem o homem perder contato com o centro regulador da sua alma. Uma delas é algum impulso instintivo ou imagem emocional que, levando-o a uma unilateralidade, o faz perder o equilíbrio.” (VON FRANZ, 2002, p. 213), ou seja, ao ter seu plano enfim consumido, a Marquesa começa a projetar a negação sobre os fatos.

O confronto com essa nova realidade, onde seus jogos estão se esgotando, leva-a a tentar influenciar com todas as suas armas, o Visconde. Dando a impressão nas entrelinhas de

seu discurso, de que apresenta temor sobre o que possa vir a acontecer se Valmont continuar a insistir na Presidenta de Tourvel. A Marquesa não assume suas próprias limitações emocionais e projeta no Visconde, as idealizações de traição e infidelidade, sobre ele e suas relações. O que muito bem define Grinberg (1997), nos estudos a respeito dos arquétipos:

A vivência da própria Sombra costuma ser dolorosa. Nesse nível inferior, as emoções costumam ser mais descontroladas, nos comportamentos de modo mais arcaico, sendo, muitas vezes, incapazes de julgamento e autocrítica. Tornamo-nos vítimas de nossos próprios complexos afetivos. A dificuldade em lidar com o arquétipo da Sombra é que, em vez de reconhecer nossas próprias “diabruras” e deficiências, preferimos preservar nossa imagem idealizada de bonzinhos. Assim, para lidar com a Sombra é preciso, em primeiro lugar, levarmos seriamente em conta sua existência e aceitá-la. (GRINBERG, 1997, p. 146-147)

A carta 96 apresenta ligação direta com a carta nº 106, após saber que seus planos contra Gercourt envolvendo Cécile deram certo, ela expõe a felicidade e insatisfação pela enfim realização de sua vingança. A insatisfação advém da obsessão não aprovada por ela, em que o Visconde ainda insiste na Presidenta de Tourvel. Sempre disposta a julgar e condenar, a Marquesa acaba confirmando que seus ideais são sempre diferentes do da maioria, e é a partir disso que podemos constatar a utilização iminente da sombra da Marquesa, pois “Quando confessamos nossos pecados, estamos entrando em contato com a presença da Sombra.” (SANFORD, 1988, p. 75).

Magnífico, Visconde! E, pelo que fez, passei a amá-lo com furor! Aliás, depois da primeira de suas últimas cartas, já se podia prever o que a segunda contaria; Pois isso, absolutamente não me surpreendi; Enquanto você, já orgulhoso do seu iminente sucesso, me cobrava seu prêmio e me perguntava se já estava preparada para dá-lo, vi com clareza que não precisava apressar-me.[...] Seja como for, dessas duas aventuras, uma foi levada adiante contra a minha vontade, e não me meto nisso; Quanto à outra, como você demonstrou alguma boa vontade em relação a mim, assumo-a como se fosse minha. A carta que anexo a esta, que você lerá antes de entregar à pequena Volanges, é mais do que suficiente para que a tenha de volta; Mas rogo-lhe, trate a menina com muito cuidado, e, de comum acordo, façamos dela o desespero de sua mãe e de Gercourt. Não há o que temer em aumentar as doses. Estou perfeitamente convicta de que essa criaturinha não vai ficar com medo; e, uma vez consumados nossos planos para ela, que se transforme no que quiser. Não tenho mais interesse nela. Tive vontade de, no mínimo, transformá-la numa auxiliar para minhas aventuras e de atraí-la para que tocasse o segundo violino sob minha batuta, mas vejo que ela não será capaz disso. Sua estúpida ingenuidade não diminuiu, mesmo depois do remédio específico que você lhe ministrou, se bem que quase nunca falhe; para mim, a ingenuidade é uma doença mais perigosa que uma mulher pode ter. Denota, principalmente, uma fraqueza de caráter que quase sempre é incurável e que contraria a tudo e a todos; De modo que, se empregarmos nosso tempo tentando transformar essa menina numa pessoa como nós, só conseguiremos torná-la uma mulher fácil. Ora, não sei de nada mais aborrecido que essa facilidade com que é boba, que faz com que se entregue sem saber como nem porquê, unicamente por não saber o pôr resistência. Mulheres desse tipo não passam de máquinas de prazer. (LACLOS, 2015, p.252-253)

Para os psicopatas, obrigações e comprometimentos não significam nada, são incapazes de serem responsáveis ou confiáveis. Não se dispõem a honrar compromissos

formais ou implícitos com quem quer que seja. Isso tudo pode ser constatado na carta nº 131, em que a Marquesa, a qual tinha prometido ao Visconde um “acordo” de deitar-se com ele mais uma vez após a efetivação de seus planos, restabelece as condições para não mais cumprir com a “tarefa”.

Desta forma, os psicopatas vivem o “agora”, na busca iminente por prazer e satisfação instantânea, seja envoltos pela dissimulação ou desejo de vingança, seja munidos da tentativa feroz de amedrontar ou machucar seus alvos. O comportamento da Marquesa exposto abaixo pode e é muito bem explicado em uma das teorias sobre a necessidade de excitação dos psicopatas, desenvolvida por Silva (2008, p. 85), que em determinado momento “os psicopatas são intolerantes ao tédio ou a situações rotineiras. Eles buscam situações que possam mantê-los em um estado permanente de alta excitação.”

Ainda não se deu conta de que o prazer, que na verdade é o único motivo para a reunião dos dois sexos, não basta para estabelecer uma ligação entre ambos? E de que, se é precedido pelo desejo que os aproxima, não deixa de ser acompanhado do desgosto que os afasta? É uma lei da natureza, que pode ser alterada apenas pelo amor; E o amor, nós o temos quando o desejamos? Contudo, precisamos sempre dele, e nos causaria muitas contrariedades se não percebêssemos que, felizmente, basta que ele exista de um só lado: por isso, o problema fica reduzido pela metade, sem que tenhamos de perder muito. De fato, um se compraz com o prazer de amar, o outro com o prazer de agradar – este um pouco menos intenso, é verdade, mas ao qual acrescento o prazer de enganar, o que refaz o equilíbrio e tudo fica bem para todos. [...] Para provar-lhe que nisso seu interessa me decide tanto quanto o meu e que não hajo nem por mal humor, nem por capricho, não vou recusar-lhe o prêmio combinado entre nós dois: sinto, perfeitamente bem, que uma só noite bastará para que nós deixemos plenamente satisfeitos; E até não duvido de que faremos essa noite tão maravilhosa que apenas com pesar nos separaremos. Mas não esqueçamos que o pesar é necessário à felicidade e, por mais doces que sejam nossas ilusões, não creiamos que possam ser duráveis. (LACLOS, 2015, p. 315-316)

O Visconde não se detém facilmente aos caprichos da Marquesa, ela, por sua vez, é obscena e também não mede esforços para enganar, ludibriar ou fazer da vida das pessoas um completo inferno. Ambos engendram aventuras sexuais e outras perversidades envolvendo qualquer pessoa que se interponha entre eles, ou que eles querem seduzir. Juntos são lascivos e cruéis, indecentes e muitas vezes usam de ironias para atestar a situação que os rodeia. É no ambiente de controvérsias que eles disseminam inveja e mentira.

As cartas nos possibilitam saber sobre os fatos que ocorreram e os planos entrelaçados na vida de cada personagem. Essa obra atemporal nos revela sentimentos e façanhas traiçoeiras de um século de filosofia e arte. Valmont nos surpreende, pois nele reconhecemos uma alma torturada, sua máscara esconde um homem sedento por amor, mas que, amparado na farsa e no ódio, não consegue se libertar das garras de sua parceira, que o impulsiona sempre para cometer os piores crimes.

No entanto, a Marquesa de Merteuil é quem nos designa atenção, mulher execrável, mesquinha, pouco amada e de personalidade duvidosa, nos sentimos indigestos com suas representações de bondade, pois conhecemos a psique de sua alma, a sombra e projeção de crueldade, de maneira geral, cada coisa nesta obra está em seu devido lugar. Através das correspondências, sabemos quem mente e quem é ingênua demais para dissimular.

Considerações Finais

Através desta pesquisa, foi possível fazermos um mergulho profundo pelas áreas mais sombrias da psique humana. É impossível chegar a uma consideração final, no que diz respeito à totalidade representativa de nossa existência, sem passar pela experiência da subjetividade, do alto conhecimento das limitações, do contato com nossas zonas mais perigosas que são muitas das vezes, por medo ou constrangimento, deixado à mercê de nossa existência.

Começamos esta análise com o principal intuito de despertar e dar subsídios necessários a todos os interessados no tema, tanto de envolvimento psicanalítico quanto literário epistolar, mas acabamos submersos em diagnósticos discursivos muito próximos à realidade humana, as ligações perigosas à qual somos submetidos diariamente. Foi preciso adentrar por descaminhos permeados de intrigas, invejas, mentiras e deslealdades pontuais, em plena França do século XVIII, para podermos diagnosticar perfis tão bem próximos e conhecidos por nós.

Este estudo nos possibilitou conhecer e aprofundar-se nas zonas periféricas das almas dos personagens corpus dessa análise, no consciente e inconsciente, partindo do total para o subjetivo. Amparado em uma obra que tão bem se enquadra em nossas teorias de estudo, abordando diferentes personagens e desejos, envoltos pelo mistério e espera de confissão apresentada em cada carta, somos levados por, Chordelos de Laclos, a repensar a dinâmica social, bem como, as relações e comportamentos manifestados pela oralidade.

Os agentes responsáveis por conduzir a trama amorosa e “diabólica”, nos leva ao aprofundamento na análise psíquica suas, a partir da conduta a qual se utilizam. Trata-se de um trabalho muito oportuno, já que visa a partir de constatações teóricas, reforçadas nos estudos de personalidade Jung, desdobrar e investigar através do discurso e comportamentos humanos, o diagnóstico dos traços escondidos em sua sombra, algo que não se pode negligenciar.

Em nossas análises, foi possível constatar o quanto à sombra é doloroso, e o quanto nos deixa cada vez menos conscientes a sua personificação no arquétipo do ser, o caso da Marquesa de Merteuil e do Visconde de Valmont, são exemplos nítidos de tal constatação. É a parte que fica rejeitada e indesejada, mas que, através da negação se faz cada vez mais forte e presente, o ser acredita ser detentor das respostas dos grandes enigmas, mas, na verdade, perdeu todo contato com a realidade humana.

As *Ligações Perigosas* (2015 [1782]) nos remete a verossimilhança com a realidade, as aventuras narradas na obra, ressoam seu fundo de verdade, e, podem ter e continuar ocorrendo-nos mais diversos espaços. Por isso, trazemos em nossa investigação, pistas que consideramos importantes para a indicação destes maquiavélicos perfis em nossas vidas, e estendemos o interesse às análises de outras tantas obras que, assim como *Ligações Perigosas*, de Chordelos de Laclos, caminham por espinhos de hábitos totalmente deturpados.

Logo, contendo na coletânea de cartas quais analisaram, e o próprio título anuncia um grupo de diferentes pessoas se relacionando secreta ou publicamente, nelas reina o discurso da diversidade de interesses, que em comum com a realidade, apresentam apenas os desejos secretos: a vingança, manipulação e ferina dissimulação, nos levando a precisão de definições de cada um destes aspectos.

Esta pesquisa não termina nestas linhas, mas sugere novos caminhos para o auxílio à construção do processo de análise psicológica de tantas outras obras literárias, sobretudo as que se submetem a processos tão particulares, como é o caso de um romance epistolar. Tornando-nos cada vez mais sensíveis e perceptíveis às possibilidades que a obra, junto às teorias da personalidade, inferências e simbologias, podem levar-nos a detectar e interpretar.

Referências

- CHKLOVSKI, Vitor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- GRINBERG, Luiz. Paulo. Raízes Comuns a Todos. In: *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, Coleção Por outro lado, 1997. p. 134-135.
- HAZIN, Izabel. *et al.* Contribuições da Neuropsicologia de Aleksandr Romanovich Luria para o debate contemporâneo sobre relações mente-cérebro. *Mnemosine*. Vol. 6, nº1, 2010, p. 88-110
- JUNG, Carl Gustav. Sobre a sombra. In: *Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur*. Tradução de Lorena Richter. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014, p. 49-70.
- JUNG, Carl Gustav. Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética. In: *O Espírito na arte e na ciência*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991, p. 54-72.
- JUNG, Carl Gustav. A realização da sombra. In: *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002, p. 168-176.

- LACLOS, Pierre A. François. Chardelos. de., (2015). *Ligações Perigosas*. Tradução e posfácio de Fernando Cacciatore de Garcia. – Porto Alegre, RS: L&PM.
- Ribeiro, R. J. (1987). A paixão revolucionária e a paixão amorosa em Stendhal. In: NOVAES, A. et al (Org.) (2009). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa da. Razão e sensibilidade: um sentido chamado consciência. In: *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 21-31.
- SANFORD, Jhon A. A sombra. In: *Mal, o lado sombrio da realidade*. Tradução Sílvio José Pilon; João Silvério Trevisan. São Paulo: Paulus, 1988, p. 64-86.
- SOUZA, A. de O. Crítica Psicanalítica. In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2005, p. 205-216.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.
- VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de individuação. In: *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002, p. 158-229.

Recebido em: 10/07/2023; **Aceito em:** 26/09/2023.